



Educação

ISSN: 1981-2582

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Neuscharank, Angelica; Dalmaso, Alice Copetti; Oliveira, Marilda Oliveira de  
Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação  
Educação, vol. 42, núm. 1, 2019, Janeiro-Abril, pp. 3-11  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

DOI: 10.15448/1981-2582.2019.1.26673

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84860213002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM  
redalyc.org


Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação

*Cartography-mining agencying:  
a way to produce research in education*

*Agenciamiento cartografía-excavación:  
un modo de producir investigación en educación*

ANGELICA NEUSCHARANK <sup>1</sup>

ALICE COPETTI DALMASO <sup>1</sup>

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA <sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.



## RESUMO

Este texto apresenta o processo de elaboração de uma pesquisa em educação concluída em 2015, onde se discute o método agenciamento-cartografia-garimpagem. Trata-se de uma problematização sobre a performance da cartografia, a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), e de Passos et al. (2015), que também se apropriaram deste conceito enquanto método. Busca-se, neste artigo, mostrar o processo de produzir uma pesquisa, não para ser aplicada, mas experimentada, pois o agenciamento cartógrafo-garimpeiro diz respeito a uma prática que fez do ínfimo a possibilidade de pensar e escrever, de compor uma pesquisa com os heterogêneos recolhidos a partir dos mais diversos lugares: da docência e da discência, nos encontros que temos com pessoas, coisas e leituras. Trata-se, afinal, de um percurso investigativo que acolheu os dados, ao invés de escolhê-los, de um guardar e agrupar impurezas encontradas no percurso cartógrafo-garimpeiro de pesquisar: uma seleção aos avessos.

**Palavras-chave:** Cartografia-garimpagem. Agenciamento. Pesquisa em educação.

## ABSTRACT

This article presents the elaboration process of a research in education finished in 2015, in which the cartography-mining agencying method is discussed. It is a problematization concerning the performance of cartography based on Gilles Deleuze's and Félix Guattari's (1995) thinking as well as Passos et al. (2015), who also appropriate this concept as method. We seek to show a process of producing research not to be applied but to be experienced, for the cartographic-mining agencying is about a research practice that turns minor issues into the possibility for thinking and writing, of composing a research with heterogeneities retrieved from different places: teaching and learning, encounters with people, things, and readings. It is, therefore, an investigative pathway that has welcomed data, instead of choosing them, it is a keeping and grouping impurities which have been found in the cartographic-mining trajectory of research: a selection of reverses.

**Keywords:** Cartography-mining. Agencying. Research in education.

## RESUMEN

Este texto presenta el proceso de elaboración de una investigación en educación concluida en 2015, donde se discute el método agenciamiento cartografía-excavación. Se trata de una problematización sobre el desarrollo de la cartografía, a partir del pensamiento de Gilles Deleuze y Félix Guattari (1995), y de Passos et al. (2015), que igualmente se apropiaron de este concepto como método. Este artículo se propone, enseñar el proceso de producción de una investigación, no para ser aplicada, sino experimentada, puesto que el agenciamiento cartógrafo-excavación se relaciona a una práctica que ha hecho de lo ínfimo la posibilidad de pensar y escribir, de compor una investigación con los heterogêneos recopilados desde los más diversos lugares: de la enseñanza y del aprendizaje, en los encuentros que tenemos con las personas, las cosas y las lecturas. Se trata, al final, de una ruta investigativa que aceptó los datos, en lugar de elegirlos, de un guardar y agrupar impurezas encontradas en el recorrido cartógrafo-excavación de investigación: una selección al revés.

**Palabras clave:** Cartografía-excavación. Agenciamiento. Investigación en educación.

## SOBRE COMPOR UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Muitos são os impasses metodológicos em torno das pesquisas de natureza qualitativa em educação. Particularmente, quando as mesmas desejam considerar as experiências do pesquisador como um saber que também possa ser legitimado academicamente, e uma pesquisa investigue o processo e não priorize, unicamente, os resultados.

Assim nos colocamos: no intento de apresentar neste artigo algumas questões suscitadas durante a elaboração de uma pesquisa de natureza qualitativa que procurou operar com uma proposta metodológica sob o viés do processo e de observar os movimentos do pesquisador nos espaços em que ele esteve inserido, dos seus percursos de pesquisa.

Falamos de movimentos e deslocamentos que a docência pode realizar, das escolhas por algumas experiências no percurso investigativo em detrimento de outras vivenciadas no percurso acadêmico (a partir dos signos<sup>1</sup> que forçaram o pensamento a sair do que estava naturalizado). Compartilhamos a possibilidade de pensar uma educação que se produza pela/com a atenção aos encontros, aos afetos de diversos contextos que componha um estar docente, a olhar para os desconfortos, para o que não dá certo ou o inesperado na docência.

Docência que encontra. Encontrar-se é achar, capturar, roubar, mas sempre uma dupla captura, um duplo roubo, pois é o que acontece entre dois elementos, não estando no sujeito nem no objeto. Para Deleuze e Parnet (1998, p.6) “um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias... Encontram-se pessoas (e, às vezes, sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades”. Por isso, para perceber os encontros na docência, foi preciso estar à espreita, ativar uma atenção cartográfica, ou ainda, estar disponível a desenvolver e acolher um movimento garimpeiro, um puro modo de garimpagem de heterogeneidades.

Pensar uma pesquisa em educação pela garimpagem surgiu a partir das leituras do livro *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* de Passos et al. (2015), que propõe a cartografia enquanto método de pesquisa, proveniente do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), os quais, por sua vez, apresentam o conceito de cartografia

na introdução do volume 1 de *Mil Platôs*. No livro em questão, a cartografia surge como um princípio do rizoma, que imprime no pensamento sua força performática, uma ação de produzir territórios, mapas a serem inventados que acompanham percursos, produzindo redes. Assim, para os filósofos, “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Para Passos et al. (2015), a cartografia consiste em uma metodologia que coloca em evidência questões referentes à pesquisa qualitativa e aos estudos da produção de subjetividades. Essa, requer procedimentos mais abertos e inventivos, uma vez que a mesma não comporta procedimentos *a priori*, mas possibilita a experimentação do pensamento no seu percurso. Não mais a aplicação de passos prévios, portanto, mas a invenção de pistas, um compromisso com as realidades a serem cartografadas, com as intervenções.

Nesse caminho, o presente artigo foi se construindo pela necessidade de pensar o conceito de agenciamento (DELEUZE; GUATTARI, 1995) como movimento que fez (e faz) operar a cartografia-garimpagem como proposta metodológica de uma pesquisa em educação. Compartilha o que refutamos e do que nos apropriamos da cartografia como uma abordagem metodológica já reconhecida no campo das pesquisas qualitativas, para compor um outro modo de pesquisar que denominamos de garimpagem.

Nele, contamos como os dados foram sendo produzidos para compor a materialidade da pesquisa, a partir dos encontros com três escolas da educação básica, as aulas da pós-graduação, os estudos do grupo de pesquisa, e as leituras de autores que trabalham com as filosofias da diferença. Por último, arriscamos apresentar, de modo breve, algumas considerações desse agenciamento.

## PENSANDO UM AGENCIAMENTO

Um agenciamento conecta, conjuga, (re)compõe, (re)combina, produz, fabrica, reveza, distribui e consome corpos e mentes. Diz respeito a movimentos e pensamentos atrelados ao múltiplo, a uma mistura de corpos em uma sociedade, atrações e repulsões, simpatias e antipatias, alterações, alianças, “penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 31).

Para Deleuze e Guattari (1997), criadores deste conceito, um agenciamento só ocorre na existência de dois ou mais corpos, porque ele é o próprio movimento que ocorre no entre, na combinação ou ligação de elementos díspares – sem qualquer hierarquia ou organização centralizada –

<sup>1</sup> Qualquer relação com a realidade, de acordo com Deleuze (2010), seja referente a uma imagem, à natureza, à sanidade, à doença, à subjetividade, à pensamentos, à sentimentos, à política, à sociedade, a uma folha que cai, a um cheiro ou sabor, pode ser tomada como um signo, desde que permita a ação de significar o signo, atribuir-lhe sentido, ou seja, seja capaz de disparar sensações e pensamentos inusitados no sujeito.

tratando-se de fragmentos ou fluxos das mais variadas e diferentes naturezas: ideias, enunciados, coisas, pessoas, corpos, instituições.

Há uma comunicação entre fluxos e forças heterogêneas, para os referidos autores, que produzem um agenciamento. O mesmo possui, assim, duas dimensões: por um lado, o agenciamento é sempre agenciamento maquínico de corpos, que acaba por colocar em relação imediata fluxos de diferentes naturezas: fluxos técnicos, políticos, biológicos, linguísticos, etc. É na relação – no entre, no cofuncionamento (mistura, penetração, acoplamento) entre fluxos dos corpos – que coisas se produzem, afetos circulam, formando uma só máquina e produzindo efeitos (KASTRUP, 2001).

Em sua outra dimensão, o agenciamento é também agenciamento coletivo de enunciação, ou seja, regimes de enunciados, signos que se organizam de uma determinada maneira, fórmulas de juramentos, sistema das coisas declaradas e pronunciadas por agentes coletivos, e não sujeitos. Essa perspectiva nos conduz a uma substituição à concepção de um sujeito individualizado da enunciação. Por exemplo, na relação com um livro, conforme explica Kastrup:

[...] o mais óbvio remete à dimensão social presente em todo agenciamento, inclusive o agenciamento técnico. Por exemplo, não podemos pensar o agenciamento com o livro sem levar em conta a complexa rede social, política, econômica, de instituições e saberes que subsiste e constrange as práticas de leitura (KASTRUP, 2001, p. 22).

O que se diz, os enunciados produzidos sobre as coisas e os corpos, e sobre os estados de coisas, são peças e engrenagens no agenciamento, não menos que os próprios estados de coisas: “agenciam-se apenas signos e corpos como peças heterogêneas da mesma máquina” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 84).

Realizar um agenciamento, portanto, é o esforço de construir algo e que esse algo produza um efeito. Talvez aqui, nas possibilidades que tivemos, procuramos produzir novos circuitos de regimes materiais e de signos compondo uma multiplicidade, a saber: um modo possível e autônomo de pesquisa. O agenciamento: um pesquisar cartógrafo-garimpeiro (ou agenciamento-cartografia-garimpagem) possui efeitos. Quais? De abrir portas e limiares de devires? De fechamento dos mesmos? Proliferações e soterramentos de pesquisa? O que ele pode?

Perguntas que nos arrastam. O conceito de agenciamento vem para superar a limitação e supremacia do verbo identitário é, para incluirmos a potência multiplicadora do e, na construção de uma proliferação: entrar em um devir-garimpo dentro da docência, um garimpo que conjuga e se avizinha com um cartógrafo,

devir-garimpo do cartógrafo. Nunca um imitar de garimpeiro ou cartógrafo, mas assumir para si mesmo e poder agenciar alguma coisa entre eles na pesquisa.

Trazemos o agenciamento para pensar que, quando arrançadas, cartografia e garimpagem podem combinar seus elementos díspares, e se transformar, fazendo surgir algo novo, que já não se resume a nenhum dos elementos isolados que as compõem. Nós queremos, na proposta deste artigo, potencializar o agenciamento que foi feito, fazer multiplicidade. Tentativa desses dois modos entrarem em um novo rizoma.

Acreditamos que agenciar não deve nos servir de motivo para produzir mais verdades, nem organizações sobre metodologia, mas liberá-la, em certa medida, de toda ordem e controle, da repetição do mesmo e do idêntico. Portanto, não para nos empurrar “em direção aos estratos, aos mecanismos de fixação e paralisação, de solidificação e de espacialização” (SILVA, 2004, p. 41), mas para avançarmos para a zona das multiplicidades virtuais e das variações contínuas, zonas as quais só se alcança quando se experimenta, quando se prova das coisas com as quais mexemos, fazendo-nos criar e construir algo novo: um modo de coexistir em uma pesquisa.

O desejo, portanto, foi (e permanece sendo, enquanto processo) de poder “combinar, conjugar, misturar, mesclar, ajuntar, reunir, agrupar, amontoar, somar, enxamear, conectar, ligar, compor, articular” (SILVA, 2004, p. 37) elementos da cartografia com um modo garimpo de pesquisar, aumentando conexões entre ambos. Esse agenciamento se mostra, nesse artigo, em seu poder de passar por outros fluxos de pesquisa em educação, desprendendo-se das noções capturadas do que se entende como produzir pesquisa e escrita.

## DA ABORDAGEM METODOLÓGICA DA CARTOGRAFIA

Enquanto performance pensada por Deleuze e Guattari (1995), que busca acompanhar um processo e não representar um objeto, a cartografia tem sido utilizada em pesquisas de campo no estudo da subjetividade e se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras para serem aplicadas. Ela não estabelece um caminho linear para atingir um determinado fim. Todavia, nada impede que o cartógrafo estabeleça algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência (KASTRUP, 2015).

Diante da naturalização de algumas ações como docentes é que passamos a pensar na cartografia como uma perspectiva de pesquisa no campo da educação, mais especificamente no que Kastrup (2015) fala sobre a atenção cartográfica, do funcionamento da atenção no trabalho de campo de um cartógrafo.

Este funcionamento não se limita à identificação de atos que focalizam o objeto para preparar a representação de suas formas, mas se faz através da detecção de signos e forças circulantes, de pontas do processo em curso. A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discursos, requerem uma concentração sem focalização, proposta por Deleuze no seu *Abécédaire* (1997) através da ideia de uma atenção que fica 'à espreita' (KASTRUP, 2015, p. 33).

O funcionamento da atenção do cartógrafo durante a produção dos dados em uma pesquisa é caracterizado pelos signos em uma atitude atencional de ativa receptividade: eles expõem um problema e forçam a pensar, através dos encontros. A particularidade da atenção aqui não é da atenção seletiva, que procura informações prontas, mas uma atenção que tateia, que procura cuidadosamente o que lhe afeta, sem se preocupar com a compreensão ou a ação imediata (reconhecimento). Essa atenção descrita por Kastrup corresponde a pequenos pousos do pensamento, ainda que o mesmo mantenha um fluxo. Pousos que podem mobilizar a nossa memória e imaginação, o passado e o futuro, atravessando-os continuamente.

Ou seja, nessa perspectiva, a atenção é entendida como um músculo que se exercita, e sua abertura precisa sempre ser reativada, sem jamais estar garantida. O cultivo da atenção pelo cartógrafo é a busca reiterada de um tônus atencional que evita dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada. É nessa mesma direção que Deleuze e Guattari (1995) sublinham que a cartografia não é uma competência, mas uma performance. Ela precisa ser desenvolvida como uma política cognitiva do cartógrafo. Uma política cognitiva que se transmuta em uma atitude investigativa do mesmo.

Sendo assim, como encarnar um cartógrafo nos diversos espaços educacionais que ocupamos? Como fazer funcionar o exercício da atenção cartográfica em uma pesquisa em educação? Como fazer da atenção uma possibilidade de abertura para uma atitude que acolhe o inesperado e o imprevisível em educação? A atenção cartográfica, tal como procuramos operar na pesquisa, desdobrou-se na qualidade de encontro, no encontrar-se com signos... com heterogêneos. Encontrar-se com algo sem ter a pretensão desse encontro, sem pensar no objeto ou no sujeito, sem pensar nas causas desse encontro, mas reparando nos efeitos, no que se passa entre os corpos.

A cartografia foi se dando por meio dessas desconfortações, das forças que iam movimentando os pesquisadores, os colaboradores, os locais, os temas, os encontros, os territórios que estávamos a mapear. Foram muitas as inquietações que afetaram os pesquisadores, e talvez por ser um campo movediço e sem coordenadas,

a cartografia na pesquisa foi se fazendo ao longo dos percursos, combinando elementos, produzindo e compondo os dados.

Os pesquisadores fizeram e (fazem) parte desta produção, construindo-se junto à pesquisa. Eles não sabem, de antemão, quais serão os encontros que irão ter e como esses mesmos encontros poderão lhes afetar. De certa forma, estão disponíveis aos acasos que os seus campos lhes oferecem, a imprevisibilidade que se fará no decorrer dos caminhos.

Assim, enquanto docentes, permitimo-nos atentar para uma aula, anotar coisas, escutar mais o que os estudantes têm a dizer. Pensar sobre os acontecimentos que achávamos que eram empecilhos, algo a atrapalhar o planejado, e tornar estes imprevisíveis uma potência de escrita, encontros que forçariam o nosso pensamento, pois nada estava pronto. Não se fez questão de encontrar resultados, mas produzir sentidos, abertura que dependeria primeiramente de nós mesmos, do nosso olhar.

### **A GARIMPAGEM RESPINGADA PELA CARTOGRAFIA**

Despedida no garimpo...

Ainda pouco adaptado ao garimpo local, recluso dos grupos e de muitas atividades, sendo alvo de queixas, Pedro havia traçado alguns caminhos, feito alguns poucos amigos e despertado minha atenção. Sua visível descrença no seu potencial e a agitação contínua o tornavam uma pedra quase que descartada pelos garimpeiros. A mim também decepcionara inúmeras vezes, talvez porque meu olhar buscava uma forma já definida, ou porque me incomodaram suas insistentes frases: 'não vou conseguir', 'não sei desenhar', 'vou reprovar em artes'<sup>2</sup>.

Na intenção de mapear os movimentos que vínhamos realizando na docência, tanto nos espaços da escola como na universidade, a fim de exercitar o que Kastrup (2015) propõe como atenção cartográfica, passamos a pensar sobre as escolhas de algumas experiências em relação a outras. Ao longo da pesquisa, fomos percebendo que a maioria delas se detinham a contar situações cômodas e assertivas que vivenciávamos como docente, a saber: o estudante que produzia, a aula que rendia, a temática que tinha aceitação pela turma, entre outras questões que nos traziam comodidade na escrita. O fragmento anterior, ao

<sup>2</sup> Este fragmento trata de uma escrita produzida a partir de situações experienciadas na sala de aula: fricções entre a ação do docente e do garimpeiro. Não houve intenção de criar metáforas, mas tensionar o quanto as práticas convergem no que se refere à ação de selecionar o melhor, o visto como 'precioso'. Pedro é um nome pessoal fictício dado a todos aqueles estudantes que, de uma forma ou outra, foram e (são) tachados de 'incômodos'.

contrário, diz sobre um movimento de pensamento-escrita produzido em uma situação de incerteza em sala de aula, que nos fez pensar no que fazer diante do que fugia do padrão, ou do tão aclamado controle. Parecia ser o início de uma escrita suscitada pelo agenciamento cartografia-garimpagem.

O que fazer com um estudante que não quer trabalhar? Ou que não foi afetado pela aula? Será que uma pesquisa em educação precisa, sempre, apresentar soluções para os problemas educacionais, como se houvessem receitas específicas para cada caso, e elas ocorressem sempre da mesma forma? De que modo pensar uma pesquisa em educação menos pretensiosa, que queira e possa compartilhar as desconfortos ao invés de atribuir sentidos, soluções, receitas para resolução de problemas?

Ao trabalhar com a cartografia, deparamo-nos com as incertezas quanto à produção dos dados: quais seriam potentes para a pesquisa? Como escolher os mesmos de modo que conseguíssemos sair das generalizações ou representações de possíveis conceitos que estávamos trabalhando? Se esse método não oferece passos a serem seguidos e aplicados, e se faz no percurso, como manter o rigor diante da intenção de produzir e compor uma pesquisa que pense a partir de suas experiências e experimentações, docência em meio à vida, em meio aos encontros com os estudantes, colegas e leituras?

Um tanto cansadas daqueles mapas estrategicamente traçados, que demonstravam rotas e possíveis percursos a serem seguidos, abraçamo-nos a um modo cartógrafo e nos permitimos pensar outras maneiras de encontrar preciosidades, maneiras que movimentassem a atenção docente, e até mesmo o olhar desatento, para o heterogêneo. Sabíamos, ou pelo menos imaginávamos, quão doloroso seria largar o conhecido, um território na docência. Para tanto, foi preciso abandonar a bússola e também os astros, pois a cartografia, nesse caso, acompanha e faz, ao mesmo tempo, o desmanchamento de certos rumos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos.

No garimpo, as melhores pedras são aquelas ainda brutas, e nosso interesse esteve na heterogeneidade de cada uma, nos seus lados multifacetados, isso porque não houve preferência pelo que é normalmente entendido como precioso. Tudo pode vir a ser precioso, tudo que se mistura ao que se convencionou considerar precioso pode potencializar algo, e a preciosidade das coisas está nestes encontros que temos com elas, a preciosidade depende do encontro<sup>3</sup>.

As substâncias que encontramos na natureza, dificilmente são puras e estão isoladas, quase todas

são resultados das mais variadas misturas. Assim, para obter uma substância pura é necessário usar um ou mais processos para separação. Alguns deles são muito simples, como filtrar a água. Em casos mais complexos, como a separação de minerais de seus respectivos minérios, é necessário utilizar facilitadores dos processos de separação: o ouro de aluvião, por exemplo, é encontrado no sedimento dos rios e auxilia na retirada do metal através de uma união entre os elementos, enquanto outros, por serem muito densos, ficam depositados no fundo, e os demais sedimentos sendo levados pelo rio (SILVA, 2010).

Dos processos mais simples aos mais complexos, a garimpagem requer técnicas, procedimentos, e mão de obra humana, visto que, a maioria dos garimpos, ainda utiliza o trabalho manual. O próprio garimpo de pedras faz da extração uma verdadeira caça ao tesouro, o interesse por encontrar certas pepitas, faz com que sejam ignorados os processos, o percurso e os demais elementos que aparecem ao longo da seleção.

Todos esses processos de separação e extração de matéria prima são frutos da criação humana, e somos nós quem estabelecemos os critérios para a seleção dos elementos, estes que ditam o que é considerado adequado, necessário e valioso, seja para suprir necessidades biológicas seja por outros interesses: satisfazer questões sociais, culturais e econômicas.

Diante dessa naturalização dos processos de seleção na sociedade, do extrair o melhor e descartar o improdutivo, o inferior, o que não se enquadra no padrão de qualidade, é que tentamos estabelecer outras forças para pensar esse movimento do garimpo. Intentamos pensar essa prática propondo observar o processo, problematizando a necessidade de reparar sobre o que é extraído e descartado, destituindo certos binarismos e julgamentos, como o que pode vir a ser precioso, melhor, bom, belo.

Passamos, então, a tensionar a noção do senso comum de garimpo e garimpagem – aquele que procura pelo precioso e como esse processo acontece – com a prática de um docente que também procura pelo melhor, o certo, que tenta escolher o que o agrada em uma sala de aula, o que o conforta, trazendo satisfação profissional, acreditando na noção comum de que se está acertando como docente.

Aqui, no entanto, propomos uma garimpagem ao avesso, na intenção de dar visibilidade ao que pode não dar certo na docência, ao que, até então, não ganhava espaço numa pesquisa em educação. Vincular, assim, a docência a um modo de garimpar na pretensão de atentar ao que nos acontecia nos espaços que percorríamos, de fazer fugir a noção de precioso e puro para assumir que o pesquisador cartógrafo-garimpeiro busca heterogêneos. A partir desta concepção, começamos a pensar no garimpo não como

<sup>3</sup> Notas do diário de bordo.



uma seleção do que é de interesse do pesquisador, mas como movimento que pensa sobre o que encontra, coisas que ainda não tomaram forma, sentido, significação; aquilo que ainda é bruto, que difere da ordem do certo e do errado, do precioso e do descartável. Isso tudo diz respeito ao que se encontrava pelo caminho, e como esse encontro podia nos reinventar como docentes.

Procuramos, assim, operar a cartografia-garimpagem como um modo de produzir pesquisa e de pensar uma pesquisa em educação, um movimento que faz atentar aos processos de produção de dados, de escolha dos fragmentos, de citações de autores, de imagens que nos afetam, para compor com eles uma escrita.

Ao optar por uma postura de produção de dados com a cartografia-garimpagem, e não de coleta dos mesmos, foi preciso compreender que estávamos nos inserindo no próprio processo da pesquisa, escrevendo sobre o espaço que estudávamos e com o espaço que estudávamos, estando nele, compondo com ele, imersas num conjunto de materialidades e imaterialidades que produziam pensamento e escrita. Neste modo de pesquisa, não há possibilidade de distanciamento, de um olhar *voyeur* sobre os acontecimentos, mas há exigência de um total mergulho no campo pesquisado.

Trata-se de um exercício de atenção e apreensão quanto ao que nos acontece, pois o que interessa ao garimpeiro é o que o afeta, o captura. Mas se não há preocupação com o que é garimpado, tampouco seleção através de critérios pré-estabelecidos, garimpa-se o quê? Heterogêneos. O que ainda não adquiriu forma, sentido e significação, nem representação. Assim, compartilhamos aqui alguns dos heterogêneos que foram garimpados e compuseram a pesquisa.

## DOS HETEROGÊNEOS

Os heterogêneos da pesquisa foram compostos: pelo diário visual, produzido por um dos estudantes das escolas em atuação; pela narrativa filmica *Ela* (HER; JONZE, 2013), assistida em uma palestra no decorrer das aulas da pós-graduação; por fotos de família, bem como de fotografias das escolas que foram os cenários da nossa atuação docente. Além disso, a literatura *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust (2006a, 2006b, 2008, 2011, 2013), como leitura realizada em concomitância à escrita da pesquisa, junto a um diário de bordo com as falas dos estudantes.

Alguns signos (DELEUZE, 2010) também foram pensados enquanto heterogêneos: os sensíveis, tal como classificados, capturaram o pesquisador cartógrafo-garimpeiro por forçar a produção de sentidos, por fazer das sensações, dos cheiros, sabores e sons, parte da materialidade da pesquisa, e por fazer da memória

um movimento de criação ao acionar fragmentos de lembranças. Tudo isso como um modo de estar em espaços educacionais, percebendo esses signos. A partir destas heterogeneidades, passamos a compor um mapa que se conectava com tudo que afetava o porvir de pesquisador cartógrafo-garimpeiro. Ao trazer estes elementos à pesquisa, para pensar nas docências, íamos apreendendo a noção de que os dados de uma pesquisa não necessitavam, necessariamente, provir do campo da educação.

Em outra instância, quando pensávamos e escrevíamos junto ao diário visual de um estudante, perguntamo-nos: Por que este estudante? Por que não tantos outros? A atenção docente pode ser capturada pelos heterogêneos que de alguma forma nos causam incômodo, mas nesse caso foi diferente. Certa curiosidade tomou conta de nós no sentido de querer compreender a necessidade daquele menino em inventar um diário visual (já que não havíamos solicitado a produção do mesmo). Era um estudante que nunca copiava em aula, que pouco olhou para os materiais que levávamos, mas que mantinha os ouvidos atentos e os argumentos na ponta da língua, pois questionava certas colocações e perguntava sobre os conteúdos.

Nossas interlocuções foram sempre muito produtivas, repletas de oposições, mas de muito interesse em comum: a arte contemporânea. Em um certo dia, chegamos a convidá-lo para contar, em uma turma de 7<sup>o</sup> ano, sobre a sua experiência com a pichação, assunto que naquele momento era debatido. Questionamo-nos e fomos questionadas, muitas vezes, se não seria pretensão nossa selecionar esse heterogêneo pela facilidade com que desenhava, mas logo descartamos tal hipótese, pois o desenho desse jovem vinha embebido de escrita, tensionado pela mesma, o que comumente não acontece. Ele compusera um diário muito próximo das experiências que tínhamos tido na universidade durante os estágios supervisionados, quando produzimos alguns diários. Mal sabia ele que realizava de forma tão potente o jogo entre palavras e imagens. Mal sabia ele o quanto potencializava a nossa escrita a pensar outros modos de (re)organizar o pensamento.

As leituras da literatura proustiana aconteceram pelo encontro que tivemos com a obra *Em busca do tempo perdido* (ano?), onde o escritor Marcel Proust fricciona seus encontros com os signos e destes compartilha experiências, situações de vida, memórias involuntárias<sup>4</sup> que são solicitadas. As ausências de referenciais temporais e espaciais precisos fazem sua narrativa estar à deriva do leitor. O que potencializou pensar na pesquisa e escrever

<sup>4</sup> Essa lembrança involuntária, enterrada sob diversas camadas de esquecimento e indiferença, é acionada subitamente, isto é, trata-se de uma outra possibilidade de acesso ao passado, de um passado puro, pois não diz respeito ao que já sucedeu, mas de um presente atualizado (GAGNEBIN, 2006).

sobre os signos encontrados na docência, pois a leitura ocorreu enquanto experimentação, sem a pretensão de compreensão da obra e de encontrar significados sobre a mesma. Os fragmentos utilizados dos livros foram dialogando com as práticas docentes, com as leituras de outros autores e com os demais heterogêneos que íamos garimpando.

Trabalhar com a literatura e com a noção de signos possibilitou pensar que uma pesquisa em educação que se propõe a olhar para a docência, não está isolada pelo espaço da escola, da universidade, mas acontece na coexistência de lugares e tempos. Docência que, ao garimpar heterogeneidades, também aprende, pois os heterogêneos que a movimentam consistem na própria multiplicidade, no informe, nas impurezas, nesses avessos das preciosidades.

Assim, as heterogeneidades não estão postas, como algo a ser buscado e inserido na pesquisa, mas dizem respeito ao que de alguma forma afeta, faz soerguer a cabeça e pensar. O heterogêneo sob o olhar de uma pesquisa garimpeira é também interessar-se pelo meio, pelo entre, pela possibilidade de uma escrita que independa do desenvolvido em atividades e dos resultados das mesmas, mas atenta às problematizações, às dúvidas e incertezas que vão surgindo, os sentidos produzidos quando o pensamento é violentado a interpretar os signos. Trata-se de suspender o dito por meio da curiosidade de sua revelação, que não é entendida como uma verdade absoluta, mas como possibilidade.

Talvez ainda seja possível pensar uma pesquisa em educação atenta aos heterogêneos, como quem traça linhas de fuga (DELEUZE, 1988-1989), isso porque, a linha de fuga é uma desterritorialização. Não um fugir que renuncia às ações, que comete fuga, mas é o que faz fugir, o que força um sistema a fugir do seu funcionamento, que o reconfigura infinitas vezes. É um fazer traçando linhas que compõe um rizoma, uma cartografia.

A linha de fuga não significa “se recusar à ação tampouco se evadir da realidade, mas um ato de criação – um experimento, invenção” (TÓTORA, 2004, p. 242). Por isso, não se trata de refutar a importância da escrita, do problema de pesquisa, da metodologia, do referencial teórico, do olhar para com os dados e de encontrar, mesmo que provisoriamente, considerações finais, e de tantas coisas requisitadas a nós pesquisadores. Mas, sim, de olhar para elas sob outros planos, de pensar em uma escrita um tanto pessoal, mas não egocêntrica, de propor outra organização para tais exigências sem que haja a necessidade de produzir abismos entre um capítulo e outro, mas pensar em estratégias que façam o sistema acadêmico vazar, fazer da pesquisa uma brincadeira com as palavras, que ora escreve, ora vive. Fazer vazar para criar, onde novas linhas estarão sendo

traçadas e uma insólita cartografia possa ser agenciada ao garimpo.

## O QUE PODE O AGENCIAMENTO CARTOGRAFIA-GARIMPAGEM?

Nas minas de ouro...

Caminhávamos a passos largos para o trabalho, os pés rachados pelo contato com a poeira, o chinelo gasto nos calcanhares. Íamos acompanhadas de uma sacola de algodão cru, do tipo de sacola utilizada nos supermercados, que continha tudo o que acreditávamos ser preciso para o trabalho: uma imensa peneira, uma espécie de lupa e uma picareta de médio porte, que pesava muito! A roupa, que marcava a silhueta dos corpos, esboçava também todo o suor e cansaço de uma rotina de garimpeiras. Todos os dias, ao sair de casa e percorrer muitos quilômetros, imaginávamos um dia atípico dos demais, pois desejávamos que fôssemos encontrar alguma preciosidade em todo aquele contexto, afinal nosso olhar estava viciado apenas no que nos convinha, no que fomos treinadas a observar. Sabíamos que nosso trabalho estava longe de ser uma rotina, isso porque, todos os dias, passavam pelas nossas peneiras diferentes pedras, farelos, grãos, gravetos e cacarecos, e aqueles que já haviam passado dificilmente passariam novamente. Se retornassem, porém, seriam demasiadamente diferentes da primeira passagem. Ao que tudo indicava, as precisões do local onde trabalhávamos poderiam ser totalmente diferentes de outro garimpo, apesar das similitudes da profissão<sup>5</sup>.

Em uma tentativa de mapear e acompanhar os múltiplos territórios que compõem a vida e que se entrelaçam aos modos de estar docente, o agenciamento entre a cartografia e a garimpagem fez pensarmos sobre o que chamamos de realidade: algo constantemente a ser construído e não simplesmente constatado. O mesmo com essa invenção do pesquisar cartógrafo-garimpeiro: uma metodologia não para ser aplicada, mas para ser experimentada.

A escrita da pesquisa mencionada a partir do encontro com os heterogêneos, mostra-nos o quanto ainda atuamos como garimpeiros seletivos na vida-docência, o quanto ainda garimpamos de acordo com o que consideramos precioso, sob a intenção de descartar o pedregulho, o que difere, o que consensualmente entendemos como não produtivo em educação.

Desse modo, perguntamo-nos: como colocar em funcionamento uma cartografia-garimpagem não seletiva? E de que modo esse movimento pode potencializar uma pesquisa em educação? Essas questões nos movimentam,

<sup>5</sup> Notas do diário de bordo.



e talvez aqui apenas consigamos contemplar pistas, e não respostas. Uma pesquisa pela cartografia-garimpagem se propõe a escrever por memórias, por experiências, considerando os heterogêneos que a movimentam e que a violentam a pensar a temática e suas práticas. Não nos coube encaixar essas relações como metáforas, mas o que propusemos foi pensar os encontros com os heterogêneos e os garimpos distintos – transfigurados em escolas, em universidades, em livros, em pessoas, em ruas, em visualidades.

Ao tratar da busca pelo precioso no garimpo, não foi pretensão condenar tal ação, mas sim problematizar a forma naturalizada de perceber a preciosidade, ou até mesmo a rigidez no sentido da palavra com a qual estamos acostumados. Desejamos, assim, que o sentido de preciosidade, comumente pensado como algo bom, belo, agradável, preferível, apto, etc., possa ser visto como algo capaz de potencializar o pensamento e outras formas de pensar, seja este elemento qual for.

A garimpagem, na pesquisa relatada, permitiu que a imprevisibilidade agenciasse os encontros do pesquisador cartógrafo-garimpeiro, sem que o mesmo tivesse querido ou previsto, posto que, como já dito, esse modo de pesquisar não depende de decisões conscientes, escapando ao controle da inteligência. Depende de estar à espreita a acolher o acaso, estar disponível à irrupção, ao que pode afetar: “[...] trata-se de uma ascensão da disponibilidade em vez de um treinamento de controle, ou ainda de uma temporalidade do *kairos*, do instante oportuno e fugaz, em oposição aos planejamentos cronológicos” (GAGNEBIN, 2006, p. 556).

A proposição dessa metodologia faz o pesquisador estar em constante movimento, pois não encontra uma zona de conforto, um modo *a priori* para escrever. A cada nova empreitada surgem novos heterogêneos a serem trabalhados, que nos forçam a pensar em sentidos que não haviam sido pensados, a estar atento a outros heterogêneos. Assim, quando se assume um modo cartografia-garimpagem, permite-se expor o que enriquece e o que fragiliza uma pesquisa, reconhecendo que ela não se sustenta somente pela obsessiva busca pelo precioso, pelo valioso: outras contingências atravessam essa metodologia, pois se percebe parte das impurezas e heterogeneidades que são encontradas no caminho, os efeitos que os heterogêneos produzem a cada encontro.

É disto, ou pelo menos isto, que trata uma cartografia agenciada a garimpagem: não estar calcada em resultados ou valores das vivências, mas de escolhas da ordem das heterogeneidades – daí a importância do informe, do pedregulho que potencializará o pensamento. Ao adotar essa proposta metodológica, assumimos a intenção de não fazer dos dados um decalque, isto é, não procuramos pelo aprofundamento do objeto para desvelar uma essência

do que investigamos, não olhamos para uma realidade apenas como possibilidade de representá-la, reproduzi-la. Ao contrário, tratamos da produção dos dados e da captura por realidades as quais estamos imersos e que, sobretudo, compomos: compomos realidades, redes, tramas.

Compartilhamos de um modo de pensar a pesquisa, ao modo como Oliveira (2015) a situa:

[...] interessa-nos, enquanto pesquisadores de um grupo de orientação, pensar, ler, escrever e produzir pesquisas em educação dentro desse escopo da dobra, do disforme, daquilo que não é consenso, daquilo que não é padrão, do que não está dado. Temos buscado produzir dissertações e teses que, antes de ser uma oposição entre um governo e pessoas que o contestam, é um conflito sobre a própria configuração do sensível. Isso quer dizer que essa forma de ler-escrever e publicar não é um conflito de pontos de vista, nem mesmo um conflito pelo reconhecimento, mas um conflito sobre a constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve, sobre os títulos dos que nele falam para serem ouvidos e sobre a visibilidade dos objetos que nele são designados (OLIVEIRA, 2015, p. 12).

Perspectiva do dissenso que não pretende simplesmente valorizar a diferença e o conflito sob as formas de antagonismo social, conflito de opiniões ou multiplicidade das culturas, mas como uma desconformidade que movimenta, uma perturbação no sensível, esse rumor que produz uma modificação singular do que é visível, dizível, contável (OLIVEIRA, 2015).

Sob esta perspectiva de existir na e com uma pesquisa da ordem do dissenso, o agenciamento pesquisar cartografia-garimpagem diz respeito a uma prática de fazer do ínfimo uma possibilidade de escrita, de compor uma pesquisa em educação com os heterogêneos recolhidos dos mais diversos lugares, seja como docentes ou discentes nas escolas ou universidades, pensando nos encontros que temos com autores e conceitos.

O que a cartografia pode aprender (ou até mesmo aprendeu) ao agenciar-se com um modo garimpeiro de pesquisar? Polinizar. Trabalhar não somente com territórios e mapeamentos, mas com a extração dos mesmos, isto é, fazer dos territórios outra coisa que não pareçam mais como tal. Ato de criar, sacudir, recombinar, transverter, não se fixar no homogêneo de uma terra, mas aproximar-se do que a compõe, desfrutar e brincar com todos os seus elementos, sem descarte, sem distinção de valor.

Ao exercitar a atenção cartográfica, escolhemos algumas coisas e abandonamos outras, muitas vezes elementos que não nos pareciam potentes em um determinado momento. Mas, como se desfazer de algo, sem ao menos ter a certeza de que esse descarte, em outro

momento, poderá retornar para nossa pesquisa? Assim, a garimpagem propõe acolher ao invés de escolher, recolher para guardar e agrupar: uma seleção aos avessos. As picaretas, peneiras e outras tramas, perdem sua função de selecionar para compor com os grãos e pedregulhos uma miscigenação de elementos, os heterogêneos.

Um contágio. Contágios mútuos, que estabeleceram articulações entre cartografia e garimpo, produzindo uma engrenagem na pesquisa, quando uma e outra se misturam a ponto de ser difícil discerni-las e nomeá-las como termos separados. Um roubo mútuo, não se tratando mais de identificar quem roubou e quem foi roubado. Talvez retiremos, assim, uma lógica do *a priori*: o que veio primeiro na pesquisa citada e compartilhada aqui, a cartografia ou o garimpo? Não mais podemos imaginar uma origem. Talvez apenas um ponto de partida, uma pequena gênese, que põs a pesquisa em devir.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze** [1988-1989]. Entrevistadora: Claire Parnet. Paris: Éditions Montparnasse. Realização de Pierre André Boutang.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Editora, 1995. 1 v.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 2 v.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre sonho e vigília: quem sou eu? In: PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann**. Posfácio. São Paulo: Globo, 2006. 1 v.
- HER. Direção: Spike Jonze. Los Angeles: Annapurna Pictures, 2013. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze e Vincent Landay (126 min), son., color.
- KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000100003>
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Como “produzir clarões” nas pesquisas em educação? **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 443-454, maio/ago. 2015.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006a. 1 v.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: à sombra das raparigas em flor**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006b. 2 v.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: Somoda e Gomorra**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2008.4 v.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: a prisioneira**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2011. 5 v.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: o tempo redescoberto**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2013. 7 v.
- SILVA, Selma Gonzaga. Extração do ouro: uso do mercúrio e impactos ambientais, 2010. Disponível em: <http://portaldo professor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20999>. Acesso em: 24 maio 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, 2004.
- TÓTORA, Silvana. Devires minoritários: um incômodo. **Verve**, São Paulo, n. 6, p. 229-246, jul./dez. 2004.

Recebido em: 20/2/2017.  
Aprovado em: 11/12/2018.  
Publicado em: 30/4/2019.

### Endereço para correspondência:

Angelica Neuscharank  
Rua Duque de Caxias, 1943/301 – Centro  
97015-190, Santa Maria, RS, Brasil

### Autores:

ANGELICA NEUSCHARANK  
Doutoranda em Educação (UFSM). Mestre em Educação (UFSM). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9958-7563>  
E-mail: [angelicaneuscharank@yahoo.com.br](mailto:angelicaneuscharank@yahoo.com.br)

ALICE COPETTI DALMASO  
Doutora em Educação (UFSM). Mestre em Educação (UFSM). Professora Adjunta I do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4447-0958>  
E-mail: [alicedalmaso@gmail.com](mailto:alicedalmaso@gmail.com)

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA  
Doutora em História, Geografia e História da Arte (Universidade de Barcelona). Mestre em Antropologia Social (Universidade de Barcelona). Professora Associada do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5092-8806>  
E-mail: [oliveira.marilda27@gmail.com](mailto:oliveira.marilda27@gmail.com)